

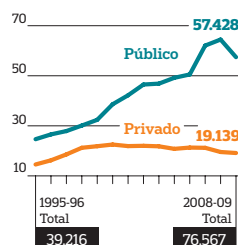
## Conjunto dos cursos com mais e menos aceitação pelo mercado

Dados de 1999 a 2009



## 882.165 diplomados de 1995-96 a 2008-09

Em milhares



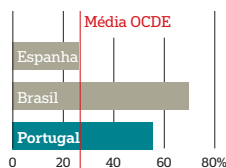
Nota: Inclui todos graus e diplomas conferidos por estabelecimentos de ensino superior.

## Olhar para a floresta

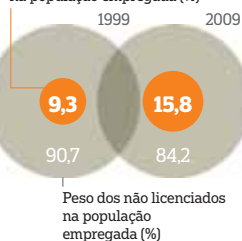
As médias esbatem as dificuldades particulares agravadas de algumas escolas e mostram que cinco em cada 100 licenciados, neste período, não encontrou emprego. Quem tem mais razões de queixa é quem estudou nas áreas de serviços sociais e jornalismo.

## Esforço compensado

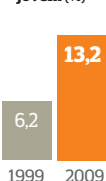
Licenciados que trabalham têm um prémio de rendimento superior à média da OCDE. 2008



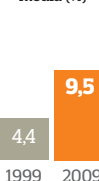
## Peso dos licenciados na população empregada (%)



## Taxa de desemprego jovem (%)



## Taxa de desemprego média (%)



Fontes: Estatísticas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; INE

O problema passarão a ser os que não têm qualificações e os desempregados de longa duração. Mas são absorvidos em que regime? O presidente do IEF admite que a precariedade e a dualidade do mercado de trabalho são os grandes desafios do poder político, que terá que encontrar soluções para integrar os recibos verdes no sistema de segurança social e de protecção ao desemprego.

Francisco Lima, economista do Instituto Superior Técnico que tem feito alguns estudos sobre a inserção dos jovens no mundo laboral, lembra que o problema da dualidade do mercado de trabalho não afecta apenas os jovens e os diplomados. É também um problema dos mais velhos que perderam o emprego ou das mulheres. E não acredita que seja a mudança das leis laborais – tornando mais fáceis e baratos os despedimentos – que irá

resolver o problema. “Numa situação de crise como a que Portugal atravessa, as empresas procuram formas mais flexíveis de contratação, mas uma empresa que queira ser competitiva não tem interesse numa grande rotatividade de mão-de-obra.”

E explica o sucesso da música de que se fala: “Se o país estivesse a crescer, a música seria um hino para uma franja reduzida da população. Mas ela aparece precisamente numa situação de crescimento nulo e de elevadas taxas de desemprego...”

Há também o problema da estrutura empresarial. “A qualificação dos nossos empresários é pior do que a dos operários. E com este tipo de empresários não criamos empregos para diplomados com ensino superior”, acrescenta Alberto Amaral, da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. “Aqueles apostas

que andámos anos a fazer em tecidos de má qualidade, galos de Barcelos e esse tipo de coisas, isso morreu, na Europa não leva a lado nenhum. O que é preciso é mudar o que se produz, como se produz, o que se exporta”, diz. E “esperar uma geração... e que os políticos não façam mais burrices”.

A universidade não escapa às culpas. Matias Ramos, bastonário da Ordem dos Engenheiros, não perdoa: “Há em Portugal perto de 600 cursos de engenharia, em cima da minha mesa tenho pedidos de parecer para 39 novos cursos. Alguém acredita que um país com a nossa dimensão precisa disto tudo?” Tem que haver selectividade e um ajustamento entre a oferta e a procura para as famílias saberem no que devem investir.

Embora seja unânime que a canção dos Deolinda alerta para um proble-

## Maria do Carmo

Mestre em tecnologia alimentar, 27 anos, vende pipocas no cinema

“Quem me vai dar emprego com um doutoramento?” A pergunta traduz a principal dúvida com se confronta Maria do Carmo: “Será que vale a pena investir em investigação?”, insiste a jovem, de 27 anos, com um mestrado em Tecnologia Alimentar. Por enquanto vende pipocas e bilhetes de cinema num cinema do centro comercial Fórum Algarve – recebe 500 euros por mês por um trabalho a meio tempo, 26 horas por semana. “Nada mau”, diz, recordando que a maioria dos colegas de faculdade, a trabalhar em auditorias, ganha menos.

Maria do Carmo está habituada a enfrentar dificuldades. No penúltimo ano do curso de Engenharia Alimentar, para financiar os próprios estudos na Universidade do Algarve, começou a trabalhar três dias por semana, quinta, sexta e sábado. “Recebia 70 euros por 12 horas de trabalho sem parar. Pegava o serviço às seis da tarde no restaurante, largava à meia-noite, e a seguir ia para um bar/discoteca, propriedade do mesmo patrão, até às seis da madrugada”. O emprego de assistente no cinema permite-lhe manter em paralelo o trabalho de investigação na área da azeitona. “O meu objectivo é aprender, estudar e publicar artigos científicos para ganhar currículo.” Diz que o futuro poderá estar em Espanha. “Neste campo é lá que estão os melhores cientistas do mundo.” Por isso, na Universidade do Algarve, juntamente com a investigadora Célia Quintas, tem vindo a trabalhar em projectos de cooperação entre o Algarve e Andaluzia. O doutoramento surge como percurso natural dos estudos que tem vindo a desenvolver, mas o



mercado de trabalho causa-lhe alguma apreensão: “Aos 30 anos, doutorada, será que alguém me dá emprego?” insiste na pergunta, sabendo que não terá resposta fácil. “Do conjunto dos meus colegas, assistentes no cinema, cerca de 90 por cento são licenciados”, exemplifica. Situação idêntica verifica-se aos balcões das lojas de roupa do Fórum Algarve.

Maria do Carmo, natural de Avis, Portalegre, é persistente quanto ao seu rumo. Quando ainda estava a terminar a licenciatura aceitou um estágio profissional numa fábrica de azeitonas em Tavira, na esperança de ali poder fazer carreira como engenheira alimentar. Falhado esse objectivo, virou-se para o mestrado, começando ao mesmo tempo a trabalhar num *call-center*, cinco horas por dia, depois do trabalho no laboratório. Quando chegava ao sábado, amealhava mais uns euros com a colaboração que prestava no bar do Pátio de Letras, e assim o orçamento chegava até ao fim do mês, sem sobressaltos.

**Idalio Revez**

ma real há quem veja nos versos “É fico a pensar que mundo tão parvo que para ser escravo é preciso estudar” uma mensagem “perigosa”.

## Oito meses para um emprego

“O lado certo da canção é alertar para as largas dezenas de estagiários sem remuneração e para os jovens que estão a recibos verdes. Mas também passa uma mensagem que deixa implícito que não vale a pena estudar”, alerta o presidente do IEF. “O que não é verdade. Um diplomado no desemprego demora em média oito meses a encontrar emprego enquanto um que não tenha formação superior demora 15 meses.”

Francisco Lima, que no ano do passado fez um estudo para o INE sobre a relação entre a qualificação e a rapidez com que se entra no mercado de trabalho, não tem dúvidas. Dois anos

após terem terminado o ensino, mais de 40 por cento dos jovens com o básico ainda procuravam emprego e apenas 25 por cento dos licenciados permaneciam nessa situação.

O último relatório da OCDE *Education at a Glance* também é claro quando diz que Portugal é o segundo país da organização, a seguir ao Brasil, onde o prémio salarial dos licenciados que entram no mercado de trabalho é mais elevado. Quem faz uma licenciatura ou um grau mais elevado ganha duas vezes mais do que a média. E comparativamente aos que não foram além do secundário ou de um curso profissional, o ganho é 80 por cento superior. Porém, enquanto a taxa de desemprego dos diplomados na OCDE se tem mantido, nos últimos anos, abaixo dos quatro por cento, em Portugal fica acima do cinco por cento. *Com Andreia Sanchez*

# Destaque

## Geração parva Diplomado sem emprego é mulher e tem menos de 35 anos

“

### Parva que sou

Por Deolinda

Sou da geração sem remuneração. E não me incomoda esta condição. Que parva que eu sou.

Porque isto está mal e vai continuar. Já é uma sorte eu poder estagiar. Que parva que eu sou.

E fico a pensar: Que mundo tão parvo, Onde para ser escravo É preciso estudar.

Sou da geração “casinha dos pais”. Se já tenho tudo, p’ra quê querer mais? Que parva que eu sou.

Filhos, maridos, estou sempre a adiar, E ainda me falta o carro pagar. Que parva que eu sou.

E fico a pensar: Que mundo tão parvo, Onde para ser escravo É preciso estudar.

Sou da geração “vou queixar-me p’ra quê?” Há alguém bem pior do que eu na TV. Que parva que eu sou.

Sou da geração “eu já não posso mais!”, E esta situação dura há tempo demais, E parva eu não sou!

E fico a pensar: Que mundo tão parvo, Onde para ser escravo É preciso estudar.

”

### André Pestana

Depois do doutoramento, teve que “pagar para trabalhar”

Quando os pais lhe perguntavam se se imaginava a dar aulas respondia: “Stôr” não quero ser.” Ainda assim, escolheu Bioquímica na hora de se candidatar à universidade. Licenciou-se em 2002, fez o estágio, começou a dar aulas. Tomou-lhe o gosto. E hoje, “stôr” é precisamente o que André Pestana mais gosta de ser. Tem 34 anos, um doutoramento e vive com um contrato a prazo que termina em Agosto. Ganha 1100 euros que, com a bolsa da companhia, de 32 anos, pagam as contas. Se para o ano conseguirá outro contrato é algo que não sabe.

Parece ter uma energia inesgotável. Começou por ser professor com um horário incompleto numa escola de Oliveira do Hospital e ao mesmo tempo frequentava um mestrado em Coimbra em Ecologia. “Fazia 160 quilómetros por dia.” Depois candidatou-se a um doutoramento para fazer investigação na Amazônia. “Foi uma experiência incrível do ponto de vista científico e pessoal.”

Já tinha feito 30 anos quando defendeu a tese (sobre alterações climáticas) e quis voltar à escola, como professor, com a experiência que ganhara no terreno nos quase cinco anos anteriores. As regras do Ministério da Educação dizem, contudo, que quem se candidata a um contrato é penalizado caso não tenha dado aulas nos dois anos anteriores. Resultado: no primeiro concurso ao qual concorreu foi ultrapassado por professores que tinham tido notas de licenciatura inferiores à da dele. Acabou por aceitar um horário de seis horas semanais,



em Serpa, a ganhar 360 euros (o que não dava para pagar a renda da casa em Lisboa, quanto mais para ir a Serpa dar aulas de segunda a quarta). “Telefonei aos meus pais e disse: ‘Ajudem-me!’” Precisava de dinheiro para “pagar para trabalhar”. E garantir que, no concurso seguinte, tinha algumas horas de aulas dadas para exhibir. Este ano, pela primeira vez, aos 34 anos, foi colocado numa escola, por um ano inteiro. Depois se verá. Admite que ter filhos, por exemplo, é algo que acaba por ser adiado nesta situação da instabilidade. “Nunca há só um factor para as coisas, mas na prática não há condições.”

Está longe de desanimar. Constituiu com outros professores um movimento (chamado 3R) que se reúne regularmente para debater os problemas da educação. Acredita que a qualidade da escola pública deve melhorar. Diz que não vai desistir de lutar. **A.S.**

### Luís Brás

Agrónomo, 35 anos, vende electrodomésticos

Luís Brás, 35 anos, ambientalista, licenciado em Engenharia Agronómica, vende electrodomésticos numa loja do centro comercial Fórum Algarve. O emprego surgiu-lhe depois de “muito procurar”, sem sucesso, ser útil na área que lhe é próxima – hortifruticultura, planeamento e espaços verdes. Optou por um dos cursos “com futuro”, dizia-se há 30 anos quando foi fundada a Universidade do Algarve (Ualg). A agricultura e a biologia marinha foram apontadas como áreas consideradas “estratégicas” para a região, mas os estudantes mais jovens formados nesses domínios oscilam entre o desemprego e a precariedade feita de contratos de trabalho sazonal.

Há dez anos, recorda o engenheiro, o curso de Agronomia na Ualg tinha 40 vagas por preencher, actualmente fica-se pela dezena de alunos. Após ter desenvolvido durante dois anos projectos na área da preservação da floresta, integrado na associação ambientalista Almargem, Luís Brás encontrou como solução de recurso trabalho no Jumbo em Faro. “Desisti da ideia de fazer mestrado”, diz, revelando alguma frustração pela “ausência de saídas profissionais”. É que, explica, as perspectivas são “tão cinzentas que a prioridade é mesmo garantir um salário ao fim do mês”. O ordenado que aufer, incluindo prémios de produtividade, varia entre os 700 e os 800 euros. Por outro lado, a possibilidade de um emprego estável, desde há três anos, criou as condições para o casamento. Mas a compra de casa, como



fizeram os pais, “isso, não será possível”, conclui. Sobre a carreira que ficou pelo caminho, comenta: “Ninguém se forma só para ter um título, existe uma expectativa. Mas quando chega à altura de mostrar as competências, o país não reconhece”, lamenta. O emprego no comércio está longe de ser aquilo que tinha imaginado, mas nem tudo foi mau: “Acho que sou um pouco tímido, e o contacto com o público permitiu-me outras descobertas”, confidencia. Sobre os jovens que andam à deriva, em busca de trabalho, enfatiza: “Muitas das vezes existe a ideia que esta geração se acomoda, vivendo à custa dos pais – não é bem assim”. No seu caso, recorda o “desconforto” que sentia quando, mesmo já depois de licenciado, dependia da ajuda familiar. Ao atingir os 35 anos, Luís Brás acha que está “condenado” a não poder fazer aquilo que gostaria. **Idálio Revez**

## Desempregados com “canudo” crescem mais do

Andreia Sanches

Serviços Sociais, Jornalismo e Ciências do Comportamento entre as áreas mais complicadas

● Jovens com menos de 35 anos, uma maioria de mulheres, na maior parte dos casos à espera de colocação há menos de um ano. Em Junho de 2010 havia cerca de 43 mil diplomados inscritos no centro de emprego – mais 15 por cento do que um ano antes. E é este o seu retrato. Continuam a ser uma pequena fatia do universo dos que não têm trabalho (oito por cento). Mas o número de desempregados com um curso superior aumentou. E a um ritmo maior do que o registado no desemprego em geral, que subiu

12 por cento, segundo um relatório do Ministério da Ciência e Ensino Superior divulgado esta semana.

O levantamento, que tem como título *A procura do emprego dos diplomados com habilitação superior*, é feito semestralmente, desde 2008. Baseia-se nas inscrições dos candidatos a emprego, registadas pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, e na informação fornecida anualmente pelas instituições de ensino. Mostra apenas uma parte da realidade do desemprego, já que, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), cujos cálculos são feitos com outra metodologia (com base nos inquéritos às famílias), o universo é bem maior. No terceiro trimestre de 2010, do total de 609 mil desempregados, 11,2 por cento tinham concluído um curso superior: eram

68,5 mil, segundo o INE, mais 6,5 por cento do que no ano anterior.

Regresse-se ao relatório do ministério. A sua mais-valia é a tentativa de identificar algumas áreas de formação em que o peso relativo dos inscritos nos centros de emprego é mais alto, por relação com os diplomados nessa área entre 2000 e 2010. Alguns resultados: quase dez por cento dos que se diplomaram, nesse período, em Serviços Sociais e nove por cento dos formados em Informação e Jornalismo estavam em Junho do ano passado à procura de trabalho.

A estas duas áreas seguem-se as das Ciências Sociais e do Comportamento (onde se incluem cursos como Psicologia e Relações Internacionais) e das Indústrias Transformadoras (onde se encontram várias engenharias).

Serviços de Segurança, Matemática e Estatística, Formação de Professores e Saúde são, no outro extremo, as áreas com menor peso.

A tutela lembra que há grandes diferenças entre cursos – alguns até podem ter “elevados níveis de procura de emprego” mas não estar nas áreas onde aparentemente há mais trabalho.

O documento, que aconselha “cautela” na análise quando esta inclui os inscritos à procura do primeiro emprego (e que correspondem a cerca de 30 por cento dos 43 mil retratados), mostra, por fim, que o aumento dos que recorrem aos centros de emprego com habilitação superior tem, desde Março, sido maior do que o registado no grupo dos desempregados com apenas o ensino básico. Números: os desempregados sem qualquer



## Luís Camacho

Engenheiro, 30 anos, licenciado com um contrato sem termo

Nunca passou pela angústia de trabalhar a recibos verdes ou a prazo. Também não teve de esperar longos meses à espera de uma oportunidade de trabalho. Luís Camacho sempre quis ser engenheiro e concretizou o sonho. Terminou o curso de Engenharia electrotécnica no Instituto Superior Técnico (IST) em Dezembro de 2004 e dois meses depois conseguiu emprego. Tendo em conta “a realidade do país e dos jovens em geral”, Luís considera-se um “privilegiado”. Mas não tem dúvidas: a escolha do curso e da universidade foram determinantes para conseguir uma rápida integração no mundo laboral. “Quando estava no secundário aconselhei-me com alguns professores e percebi que o curso tinha saída no mercado de trabalho”, conta. E também não esquece a “pressão” exercida pelos pais, funcionários públicos reformados, nas escolhas que fez. Mal acabou o curso, Luís começou a enviar currículos e recorreu ao gabinete de apoio ao estudante do IST – o Alumni – que serve de interface entre as empresas e os finalistas. “Enviei uns 30 currículos, fui a meia dúzia de entrevistas e acabei por ser seleccionado por uma empresa de construção de linhas aéreas de transporte de energia recomendada pelo Alumni”. Entrou como estagiário, como acontece a centenas de jovens que chegam ao mercado de trabalho. A diferença é que no final dos nove meses de estágio assinou um contrato sem termo. Entretanto a área de projecto onde trabalhava foi vendida a outra empresa, mas Luís mantém-se e



não pensa mudar tão cedo: “Gosto do que faço, tenho um salário adequado às minhas funções e à experiência de quase seis anos”. Não se revê na geração retratada pelos Deolinda, Luís convive bem de perto com ela. Maria, a mulher, é assistente social contratada a termo e para conseguir “um salário razoável” tem outro emprego. A recibo verde. Este alentejano, de Alvito, também não fica indiferente aos que saem das universidades cheios de sonhos, que depois se confrontam com a desilusão da realidade. “A estabilidade profissional é o motor de arranque para outros objectivos pessoais: comprar casa, constituir família, ter filhos...”, reconhece. E partilha com esses jovens uma certa cautela em relação ao futuro e ao que espera estar a fazer dentro de uma década: “O panorama actual não nos permite ter uma visão tão prolongada”. **R.M.**

## que com o básico

nível de instrução aumentaram 14,7 por cento, entre Junho de 2009 e Junho de 2010; os que têm apenas o 1.º ciclo, 7,1 por cento; os que têm o 2.º ciclo, 9,3 por cento; entre quem tem habilitações superiores o aumento atingiu os tais 15 por cento.

Joaquim Azevedo, especialista em Ciências da Educação, ex-secretário de Estado (1992-93), não estranha. “Onde o mercado de trabalho está a crescer e tem mais actividade de entrada e saída, e portanto vai gerando ocupação, é nos empregos menos qualificados. São os serviços pessoais, os de segurança, por exemplo.”

É isto uma fatalidade? O investigador da Universidade Católica acha que não. É certo que ninguém disse a esta geração - “preparada num ambiente de euforia, no final dos anos 90, princípio dos anos 2000” - que

lhe iria “cair na rifa um mundo muito diferente”, para além de uma crise que contribui para a contracção da economia e dos postos de trabalho. “A incerteza e a instabilidade vão continuar.” Mas “há imensas possibilidades de criar trabalho”.

Dá a sua mensagem para esta alegada “geração parva”: “Não são parvos. São os mais qualificados de sempre, têm a possibilidade de construir um paradigma diferente e o mundo inteiro para se expandir.” Pode dizer-se isso a um licenciado obrigado a trabalhar num *call center* para pagar as contas? Pode, assegura. “Párem para pensar, organizem-se, podem criar oportunidades de trabalho.” Ao Estado, têm que reclamar que essa iniciativa seja apoiada. Mas “os governos já não se substituem aos cidadãos”. **com R.M.**

# LIGA 16990

VAI A UMA LOJA OU AGENTE

zon.pt/iris

## “HÁ UMA LINHA QUE SEPARA OS MEUS DRAMAS

## DOS FINAIS FELIZES”

IRIS by ZON Fibra é o novo sistema de TV que tem o melhor videoclube com os melhores conteúdos.

Mais completo que nunca, tem uma nova organização que permite encontrar em segundos o filme ou a série que melhor se adequa à tua vontade ou estado de espírito. A partir daqui, filmes e séries são-te apresentados dentro de categorias e com capas bem visíveis para que nunca te percas. Mas não é só. A tua nova IRIS inclui, no pacote que escolheres, subscrições de filmes, séries e música ilimitada.



# IRIS by ZON FIBRA

# Destaque

## Geração parva Descontentamento não é reflectido pelos partidos e pelos sindicatos

# Uma “manif” de rua para mostrar que “o país é que está a ser parvo”

O primeiro protesto “apartidário, laico e pacífico” da “geração parva”, marcado para 12 de Março, em Lisboa, colhe apoios no Facebook

Natália Faria

● São 14 horas e 4 minutos de sábado, 12 de Fevereiro, e 1377 pessoas já anunciaram que vão participar no protesto da geração à rasca, marcado para 12 de Março, na Avenida da Liberdade, em Lisboa. No Facebook lê-se que o protesto vai ser “apartidário, laico e pacífico”. A ideia é juntar todos os que não têm emprego, nem salários. Os que se arrastam de estágio em estágio e nunca receberam um subsídio de férias, sequer de desemprego porque nunca descontaram para isso. Os que adiam a vida na incerteza dos recibos verdes. Os que, mesmo superqualificados, resistem a emigrar. Os milhares de jovens que compõem a “geração sem remuneração” de que fala a música dos Deolinda, cuja letra surge transformada em canção de protesto, hino geracional, o que se lhe queira chamar, o importante é juntar muita gente no dia 12 de Março, para mostrar que chegou o momento de dizer basta.

“Sempre que fazemos um *refresh* na página, há mais pessoas a clicar no sim, vou participar. Queremos abrir os olhos à sociedade, porque, afinal, somos a geração mais qualificada de sempre e o país é que está a ser parvo

por não aproveitar as nossas potencialidades”, diz João Labrincha um dos organizadores da “manif” 27 anos, licenciado e desempregado mas sem subsídio porque o que deixou para trás foi um estágio profissional, garante que não conhece ninguém com contrato de trabalho sem termo. “As pessoas que eu conheço ou estão desempregadas ou são precárias, subcontratadas, bolseiros, e todas têm o futuro numa incerteza completa.”

O retrato “à la minuta” da geração também pode ser tirado a partir do cenário em que se move a realizadora Raquel Freire que já aderiu ao protesto. “Cerca de 60 por cento dos meus amigos licenciados estão a trabalhar em lojas ou em *call centers* a ganhar 400 euros. Depois, há os 10 por cento que se safaram e que estão bem e o resto emigrou.”. Raquel que, quando não está a fazer filmes, dá aulas, teve no ano passado um rendimento médio mensal de 400 euros por um horário incompleto. Tem 37 anos, um filho, nunca assinou um contrato de trabalho na vida. “Eu deixei de pagar Segurança Social há uns anos porque simplesmente não é possível. E se nos últimos anos voltei a ter um activismo mais concreto, porque me dói onde dói a toda a gente: no básico, no pão,

Os Deolinda no concerto de 29 de Janeiro



## Joana Barros

Bolseira, 35 anos, um doutoramento em cancro e 11 anos de bolsas

Dizemos-lhe que procuramos um bolseiro de investigação científica que viva de bolsas atrás de bolsas, sem nunca ter vínculo com uma instituição. “Sou perfeita para esse perfil”, diz Joana Barros, coordenadora da Associação Viver a Ciência, em Lisboa, dedicada à divulgação científica. Mas, no caso de Joana, trata-se de uma escolha. Começou como bolseira em 1999, após o curso de genética molecular, no King’s College, em Londres. Entrou no programa de doutoramento do Instituto Gulbenkian de Ciência, para investigar a biologia celular e molecular do cancro. Nesses cinco anos, grande parte dos quais no Instituto de Investigação do Cancro em Londres, teve uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Voltou em 2004, com uma decisão tomada. “Sabia que não queria ir para a bancada do laboratório. Não gosto de ir ao detalhe do detalhe e a vida no laboratório é maçada.” Escolheu a divulgação científica. “Serve o meu gosto pelo conhecimento. Mas optei pelo caminho mais difícil.” É que além de os bolseiros descontarem para a segurança social só com base no salário mínimo ou não terem subsídio de desemprego — não há muitas instituições que lhe permitam seguir essa opção. Com uma bolsa de pós-doutoramento da FCT, nos últimos seis anos desenvolveu projectos



de divulgação na associação. Aguarda a decisão de outra bolsa, por mais três anos, para documentários de ciência. Apesar de a associação não poder contratá-la, vê o lado bom das coisas. “A minha situação de insegurança prende-se com o que quero fazer num país sem muita cultura científica. Não quero viver precariamente, mas, para o que quero fazer, não tenho outras soluções.” Porque quer divulgar a ciência? Para que haja mais casos como o do instituto onde trabalhou em Londres, financiado só com doações dos cidadãos: “Como têm uma cultura científica boa, entendem que faz falta dinheiro para investigação básica”, diz.

Teresa Firmino

## Doutorandos mais do que duplicaram em seis anos

# Aposta em mais diplomados vai continuar

● Terá o sistema de ensino crescido demais? Ou de forma desadequada? O percurso de Portugal tem sido várias vezes destacado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). É dos países que, nas últimas décadas, mais viu crescer o contingente de alunos nos bancos das universidades (no ano passado havia mais de 380 mil em diferentes tipos de formação superior — mais 22 por cento do que 14 anos antes). E agora isso está a acontecer também nos graus mais avançados. Só entre 2004 e 2010 o número de estudantes de doutoramento subiu 134 por cento — para 16 mil.

Nos mestrados havia então 45 mil alunos — quase o triplo de 2004. Se este último número se explica, em grande medida, com as mudanças na estrutura dos cursos (hoje, na sequência do processo de Bolonha, a maior parte dos alunos faz o mestrado logo depois da licenciatura), já no que diz respeito aos doutoramentos podemos estar perante um fenómeno diferente. “Criou-se uma cadeia de progressão e as pessoas que acabam o mestrado e não têm emprego optam por continuar a estudar, desde que haja bolsa. É um adiamento da entrada no mercado de trabalho”, diz Alberto Amaral, presidente Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. E isso é mau? “Haverá um período de desfasamento, o mercado não vai absorver já. Mas se o país não tiver essas pessoas disponíveis nunca mais vai dar o salto em frente.”

O reitor da Universidade de Lisboa e historiador da Educação, António Nóvoa, lembra que “até há pouco

tempo o doutoramento era um grau que só se fazia quando se queria ir para professor universitário, o que não fazia sentido”. Admite, no entanto, uma perversidade: tem sido mais fácil aos governos “ter uma política de bolsas de doutoramento, de contratos precários ao nível da investigação do que reforçar as instituições e dar-lhes condições de recrutamento para terem um corpo docente e de investigação estável”.

## Aquém da OCDE

Apesar de há alguns meses as ordens dos médicos e dos advogados terem alertado para o excesso de oferta no sector, há quem garanta que este não tem crescido em excesso. A começar pelo Governo que acordou com as universidades “um aumento de cerca de 60 mil diplomados” até 2014. “As instituições deverão multiplicar a formação pós-graduada, as possibilidades de ensino à distância, os ciclos de estudo organizados em regime pós-laboral...”, diz António Rendas, presidente do conselho de reitores.

É certo que nos últimos 30 anos foi preciso dar resposta à massificação do ensino, que houve falhas na avaliação da qualidade e que, segundo Alberto Amaral, “as instituições de ensino não tiveram estratégia — todas faziam a mesma coisa: se era gestão que atraía alunos, todas tinham gestão...”. Ainda hoje, diz, “há mais de 500 cursos de formação de professores e para o próximo ano as instituições querem abrir mais 70”. O que não se justifica.

Também é verdade que há erros que persistem: “Constitucionalmen-

te não é possível fechar um curso de uma entidade privada, que tenha qualidade, mas baixa empregabilidade.” Não é aqui, contudo, que está a raiz do problema, acredita José Reis, economista, ex-secretário de Estado do Ensino Superior. “Houve alguns desequilíbrios — e quando fui secretário de Estado recusei mais de 500 cursos — mas se o problema fosse apenas de desadequação de formações, a coisa fazia-se. Tivéssemos nós um mercado de trabalho ansioso por diplomados e teríamos licenciados em História a requalificarem-se para funções diversas”, usando a capacidade cultural e de organização adquirida no ensino superior.

“Fizemos um investimento fortíssimo na educação, que é preciso continuar a ser feito porque temos ainda níveis de qualificação muito abaixo da Europa”, diz Nóvoa. O último relatório da OCDE sobre o sector (*Education at a Glance 2010*) confirma o desfasamento, mesmo quando se fala das camadas mais jovens: 23 por cento dos portugueses entre os 25 e os 34 anos têm formação superior, quando a média da OCDE é 35 por cento.

O medo de Nóvoa é que o país, com o discurso da “geração que até para ser escrava” precisa estudar, recue. “Os outros, como a Alemanha, continuam a fazer fortes investimentos, o meu grande receio é que este discurso recupere o pior da matriz portuguesa do século XX: pobrezinhos, com pouca escola, o discurso salazarista do ‘não queiras subir acima da tua chinela, fica-te lá contentinho com a 4.ª classe’. Era o pior que nos poderia acontecer.” Andreia Sanches